

Crescimento na AL deve desacelerar neste segundo semestre, diz o FMI

Fundo aponta que preços das commodities começam a reverter a tendência de alta, enquanto as pressões inflacionárias persistem

Por Valor — São Paulo

27/07/2022 17h53 · Atualizado há 4 horas

As economias da América Latina e do Caribe mantiveram forte ritmo de recuperação pós-covid no primeiro semestre, mas as condições financeiras devem trazer novos desafios e reverter essa tendência nos próximos meses, avaliam Anna Ivanova, Gustavo Adler e Ilan Goldfajn, do Fundo Monetário Internacional (FMI),

Num artigo publicado ontem, no blog do Fundo, eles dizem que o FMI aumentou as projeções de crescimento da região para este ano, mas revisou para baixo a previsão para 2023 — à medida que as condições globais se restringem e os preços das commodities reverterem a tendência de alta, enquanto pressões inflacionárias persistem.

“Com base no sólido primeiro semestre de 2022, e apesar de uma desaceleração esperada no segundo semestre, prevemos que a região cresça 3% este ano, um aumento de nossa previsão de abril, de 2,5%”, diz o artigo. “No entanto, a região enfrenta desafios significativos, incluindo o aperto das condições financeiras e menor crescimento globais, inflação persistente e crescentes tensões sociais em meio à crescente insegurança alimentar e energética. E esses fatores contribuem para nosso rebaixamento do crescimento para 2% em 2023, 0,5 ponto percentual abaixo do previsto em abril”, ponderam os economistas.

A força das recuperações pós-pandemia variou em toda a região e o texto destaca que o aumento dos preços das commodities, ainda mais impulsionado pela guerra na Ucrânia, apoiou a recuperação dos exportadores de commodities, principalmente em algumas economias sul-americanas.

“Entre as maiores economias, Chile e Colômbia tiveram uma recuperação particularmente forte, impulsionada pelo crescimento do setor de serviços, em parte devido ao estímulo fiscal no final de 2021, enquanto a produção econômica do México ainda não recuperou o nível de serviços e construção pré-pandemia”, diz o texto.

As pressões sobre preços na região provavelmente permanecerão altas por algum tempo. “Conforme indicado por nossas projeções de inflação de 12,1% e 8,7% para 2022 e 2023, respectivamente, as taxas serão as mais altas dos últimos 25 anos. Isso significa que esperamos que a inflação exceda o limite superior das metas dos bancos centrais em cerca de 400 pontos-base, em média, nas cinco maiores economias da América Latina (Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru) até o final deste ano e permanecer fora da meta por parte do próximo ano”, preveem.

Para superar os desafios, os economistas recomendam aos governos da região que mantenham a estabilidade macroeconômica e adotem medidas direcionadas à população mais vulnerável e, se necessário, temporárias, durante um período de crescimento mais lento e alta inflação.

